

Jamais poderemos esquecer o modo pelo qual os russos amavam Panait Istrati, nos recebiam e nos faziam pôr o dedo em suas feridas. É o que nos pedia Kazantzaki, que conservava sua confiança neles e a quem repugnava fornecer armas aos seus inimigos. "Não nos percamos em detalhes! Se pudermos, iremos auxiliá-los; a luta é desigual, a tarefa deles árida..."

Foi na Geórgia, no crepúsculo tão suave e tão benéfico quanto seu vinho, que um *tovaritch*, que Panait abraçou longamente e chamou de "seu irmão", nos conduziu até um imenso campo inculto: — Camaradas, disse ele, e sua voz tremia um pouco apesar de seu esforço para permanecer impassível, aqui, ainda ontem, cresciam dez mil pés de vinha. O *kulak* proprietário, antes de entrar no *kolkhoz*, arrancou-os pela raiz, com a ajuda da mulher e de seus filhos... O que devemos fazer a esse *kulak*?

— Sabem como se pára um tremor de terra? Como? afirmam realmente que não sabem? Ah bem, mas vou lhes ensinar: basta emitir uma ordem!... E sabem como se apaga o fogo entre nós? Mas, vejamos um pouco, *tovaritch*! Jogando salitre no braseiro, certamente!... E morrendo de rir da estupidez e da ignorância de certos comissários do povo...

Para regressar a Moscou, pegamos um caminho diferente. As grandes praias do mar Negro, onde a maré rolava os seixos com o ruído de uma torrente, a sombra suave e perfumada dos limoeiros, das tangerineiras e dos ciprestes, os velhos mosteiros abandonados, tudo era, para nós, pretexto para alegria e distensão. Mas, uma vez nas neves do norte, o desentendimento, que se mantinha latente entre os dois amigos, explodiu.

Foi na casa de Victor Serge Kibaltchitch (escritor muito conhecido e o tradutor habitual de Lênin e de Trotsky) que nós fomos testemunhas da injustiça mais flagrante: como um *komsomol* invejoso e sem escrúpulos conseguiu destruir toda uma família. Sempre houve sicofantas e delatores, desde que o homem existe. Mas é duro ver uma jovem e uma moça grávida seguirem a estrada do exílio na Sibéria... É duro ver um honesto operário fiel ao seu partido, escaldado nas prisões, ser acuado até o suicídio ou à morte por inanição, por uma garota insolente. Mais tarde, em Paris, reencontrei Victor Serge, livre como por milagre das garras stalinianas. Vi também seu filho e sua pobre mulher, Liuba, que enloqueceu na Sibéria e que franceses caridosos tomaram aos seus cuidados... Panait, nosso Panaitaki, já estava morto, seus editores parisienses não publicavam mais seus livros. Mas o que mais o afligiu foi que Victor Serge, que havia escrito os dois primeiros volumes da trilogia *Vers l'autre flamme* e convencido Panait a assiná-los, ainda não tinha percebido o inferno no qual tinha precipitado seu amigo tão espontâneo e tão ingênuo!

Denunciar ao mundo civilizado uma injustiça. Sim, sim, denunciá-la, se este mundo civilizado quiser escutar e compreen-

der. Mas, logo depois de aparecido o livro, Panait recebeu um monte de cartas delirantes, escritas por todas essas mulheres ociosas, sexagenárias e gelatinosas, que lhe ofereciam seu amor que ninguém quer e seus trocados que não dariam jamais para uma causa nobre. Em vão, Panait protestava e gritava de raiva. Ninguém acreditava neste homem quando ele jurava que não era absolutamente um anticomunista, que não faria jamais frente comum com os abastados e os satisfeitos, que não fizera senão abrir um abcesso para cauterizá-lo e limpar o corpo bem-amado de sua U.R.S.S...

Não, para meu espanto, Victor Serge nada compreendeu da tragédia de Panait Istrati, que saiu semimorto desse pesadelo. Mas Panait sabia que Nikos podia compreendê-lo. Escreveu-lhe então uma carta, que ficou, infelizmente, sem resposta. Ele confessava que tinha agido mal e pedia ao seu velho companheiro de estrada permissão para vir se instalar junto dele, em Egina, e retomarem juntos sua vida heróica. Kazantzaki estava a caminho do Japão. Enviei-lhe esta carta ardente, mas antes que ele chegasse, Panait Istrati morria tuberculoso na Romênia, nos braços de sua jovem e belíssima mulher.

*Toda-Raba*, este livro profético, foi escrito antes da morte de Istrati, logo após o retorno de Kazantzaki da U.R.S.S., na primavera de 1929.

Nikos Kazantzaki partira sozinho, primeiro para a Sibéria, depois para o Turquestão, encerrando essa viagem extraordinária. Dou-lhe a palavra. De volta a Moscou, só terá um pensamento: vir ao meu encontro em Berlim, isolar-se de novo e trabalhar com o ritmo habitual.

Perm, 4 de fevereiro (noite).

"...Estou diante dos Urals, na entrada da Sibéria. Estou sozinho num compartimento; assim, não vejo ninguém e não falo com ninguém. O divino silêncio, que purifica e nutre a alma do homem, me inunda, calmo e fértil, como o Nilo do Egito. De todos os vagões da Sibéria um apenas é mal aquecido, aquele que me deram. Propuseram-me mudar, mas no outro compartimento há gente. Preferi sofrer a ficar com os homens. À noite, o frio é intenso, apesar da proteção da mamutchka (1). Não faz mal. É assim que pago minha solidão.

"Eu leio, escrevo versos, penso. Ah! como é boa esta cura de silêncio! A paisagem é sempre a mesma, neves, abetos, lugarejos, trenós, valinki, shubas... Esta monotonia é um gênero de silêncio muito discreto e me dá tranqüilidade..."

(1) Ele chamava assim seu sobretudo.